

SUCESSÃO

RAUL PILLA

O QUE É UMA eleição presidencial no Brasil, todos nós sabemos. Por isto mesmo, convém observar o que é tal eleição nos Estados Unidos, país mais do que paradigma do sistema presidencial, por ser o único em que não deu resultados desastrosos.

Ora, se na América Latina a sucessão presidencial é causa de distúrbios de toda ordem, inclusive golpes de Estado e revoluções, nos Estados Unidos é sempre um acontecimento perturbador e, muito pior do que isto, grandemente perversor. Todos os argumentos se tornam legítimos para a conquista do posto donde se exerce o maior poder político e, com êle, a maior influência econômica, no mundo ocidental. Não há nome, por mais alto, que da pugna não saia coberto de lama, tão sórdidos são os processos da propaganda eleitoral e tão dispendiosa é ela. A luta política, que devera ser embate de tendências e soluções, descamba inevitavelmente para a campanha personalista. O que se visa é desmoralizar, é destruir o candidato adverso. E, como se tudo isto não bastasse, vemos o próprio presidente da República, isto é, o chefe do Estado, tirar o casaco, arregaçar as mangas e descer à arena. Nada subsiste ali da alta dignidade, da perfeita imparcialidade que caracteriza o chefe do Estado no sistema parlamentar.

Não admira, pois, que, já à véspera do pleito, o povo norte-americano esteja confuso e atordado com a terrível barragem de discursos e outros recursos eleitorais. É de um redator da «United Press» a observação

Isto sucede nos Estados Unidos. Coisas muitíssimo piores têm acontecido no Brasil. E agora, se bem ainda faltem três anos para o termo do mandato presidencial, já nos encontramos em plena campanha sucessória. E, como não poderia deixar de acontecer, à demagogia e ao poder financeiro está confiada o principal papel.

Não se sentirá a necessidade de abolir os processos que levam fatalmente à ruína de todos os valores morais na vida pública?